

## LEITURA E ORALIDADE

### ESTRATÉGIAS PERSUASIVAS NO DISCURSO RELIGIOSO E A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Elmar Rosa de Aquino (UERJ)  
[er-aquino@uol.com.br](mailto:er-aquino@uol.com.br)

Tomando por base o estudo sobre iconicidade e verossimilhança de Simões (2007), combinados com a Teoria de Iconicidade de Charles Sanders Peirce (2005) e a Análise de Discurso desenvolvida por Eni Orlandi (1983 e 2007), fizemos uma análise semântico-semiótica de um texto publicado por Edir Macedo, Bispo e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), intitulado *Estudo do Apocalipse*.

O *corpus* que escolhemos para pesquisar – textos religiosos publicados pela Igreja Universal do Reino de Deus – é um exemplo de como o conhecimento prévio é importante para a compreensão do projeto comunicativo. Já que para se fazer uma leitura coerente é necessário conhecer o contexto sócio-cultural em que os textos bíblicos foram produzidos.

#### O CONCEITO DE SIGNO

Se o signo linguístico é entendido como algo que está em lugar do objeto, e que este é o referente para o signo verbal, podemos também afirmar que a leitura está vinculada à bagagem cognitiva que o leitor traz consigo, adquirida a partir das experiências, do conhecimento de mundo e enciclopédico.

Segundo Simões (2004, p. 15), para a melhor compreensão do texto, o leitor “deverá usar as pistas que o próprio discurso oferece mais a sua experiência pessoal para, através de uma cognição complexa, efetuar o desvelamento do significado”. E, partindo desse pressuposto, todo texto tem seu sentido construído, tanto pelo escritor/falante como pelo leitor/ouvinte, por meio dos conhecimentos partilhados.

Nessa linha de raciocínio, desenvolvemos um estudo da iconicidade textual, pelo viés da semiótica de base peirceana, conside-

rando todo o texto como uma representação icônico-indicial. Nessa perspectiva, o texto deixaria de ser um conjunto de palavras organizadas sintático-semanticamente e passaria a configurar um objeto: o objeto-de-mundo. E esse objeto-de-mundo é construído a partir de uma associação de sentidos que se vão combinando, ao longo do texto, pelas escolhas lexicais adequadas à isotopia pretendida pelo produtor, tornando-se assim objeto-de-discurso. Portanto, “a apreensão num texto de dados extralinguísticos está intimamente ligada à cognição” (Simões, 2007, p. 54).

Ainda, segundo Simões (2007, p. 51), “A diagramação exofórica ou paradigmática decorre do diálogo entre os signos do texto e o mundo extratextual”, sendo assim, é importante que o leitor tenha algum conhecimento acerca do contexto histórico-social em que foi produzido o texto, suas condições de produção, para que a leitura seja coerente com o projeto comunicativo do autor.

#### A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Outro dado importante a ser analisado é a questão a interdisciplinaridade que se vai articulando entre as diversas ciências desenvolvidas pelo homem na busca do saber. Segundo Simões (2006, p. 105), “A interdisciplinaridade articula o conhecimento sem dissolver a especificidade dos campos do saber nem negar as disciplinas escolares” e “A contextualização reinsere o conhecimento específico no âmbito da vida, gerando significado, transformando definições em conceitos” e, sob esse aspecto, conduzimos nossos estudos na tentativa de identificar como alguns “formadores de opinião” promovem um retorno à ideologia medieval, em que o conteúdo religioso não se misturava com o científico. E hodiernamente é de suma importância que os docentes tenham consciência de que as áreas do conhecimento estão todas ligadas ao ser humano e que este é capaz de combiná-las com o objetivo de aprimorar seu relacionamento com o meio, a despeito de algumas instituições que têm como objetivo, cada vez mais, distanciar o pensamento humano das conquistas científicas. Além de explorarem os medos e desconfortos do mundo moderno, usando como subterfúgio a adesão aos princípios da fé. Daí a busca constante do autor por itens lexicais que atinjam os leitores em seus

## LEITURA E ORALIDADE

pontos mais vulneráveis, combinados com outros que transmitam a ideia de que a IURD é o porto seguro, capaz de proteger e salvar quem seguir suas orientações, transmitindo aos seus “associados” uma sensação de segurança e esperança de uma vida melhor dentro dos parâmetros estabelecidos pela Teologia da Prosperidade, ideologia que prega a aquisição de bens materiais e o sucesso nos negócios como forma de premiação, conferida por Deus, a quem segue os ensinamentos seus ensinamentos.

Dentre os princípios básicos da interdisciplinaridade, encontra-se o “diálogo constante dentro de cada área de conhecimento e a contextualização, concebida como a vinculação do conteúdo ao social” (Simões, 2006, p. 106). A partir desse princípio, acreditamos ser o estudo dos textos numa perspectiva semiótica um meio de “reeducar a percepção do mundo” por parte do interlocutor, além de promover um redirecionamento da “capacidade de captação dos signos e significações resultantes da interação do homem com seu mundo e com o mundo que o cerca” (Simões, 2004, p. 35).

### A INTERTEXTUALIDADE COMO ARGUMENTO

Por ser o produtor do texto que escolhemos como *corpus* de análise um dos principais representantes da ideologia neopentecostal, é previsível encontrarem-se itens lexicais relacionados à Teologia da Prosperidade, ideologia amplamente difundida por essa denominação religiosa.

Outra característica que podemos observar no discurso da IURD, é o fato de utilizar a intertextualidade toda vez que se pretende defender um ponto de vista, uma ideologia, uma tese. E o texto bíblico é reconhecido pelo leitor como a prova irrefutável e incontestável de inspiração divina: é o argumento de autoridade para o cristão.

Ora, a dinamicidade da língua torna instáveis os sentidos construídos por meio dos signos que, ao longo dos séculos e após muitas traduções – do grego para o latim e deste para as línguas modernas – sofreram alterações. Além de outros fatores que podem ter gerado as inúmeras alterações no texto bíblico, tanto no momento de sua produção, quanto ao longo dos séculos em que foram copiados pelas mãos de escribas e monges, e que nos fazem repensar as estra-

tégias de manipulação utilizados pela igreja, desde seus primórdios (cf. Ehrman, 2006).

Como é do nosso conhecimento, Jesus não deixou por escrito uma linha sequer sobre sua doutrina. Todos os fatos relatados no Novo Testamento (NT) foram feitos por terceiros que, muitas vezes, não tiveram contado direto com o líder desse grande movimento, como é o caso de um dos principais precursores do cristianismo: o apóstolo Paulo.

Com a descoberta dos manuscritos de Nag Hammadi (1945) e do Mar Morto (1947), veio à baila uma nova discussão sobre a autenticidade dos textos que compõem o Novo Testamento, além de alguns textos do Velho/Antigo Testamento. Apesar de termos conhecimento dos famosos evangelhos apócrifos há cerca de 2000 anos.

#### O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

A despeito de a escola ser uma instituição “desvinculada de qualquer religiosidade”, a exceção de algumas escolas judaicas, católicas ou evangélicas, um texto é um texto, independentemente de ser religioso. Por isso, deve ser tratado como mais um tipo de manifestação do discurso, a concretização do sistema linguístico abstrato.

É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.

Nas palavras de Orlandi (1983, p. 216) “Todo discurso, por definição, é polissêmico, sendo que o discurso autoritário tende a estancar a polissemia”. Nesse sentido, a formação discursiva desenvolvida pela ideologia neopentecostal faz com que seu texto tenda à monossemia, com foco na voz do pastor-autor.

Conforme o pensamento de Wittgenstein (*apud* Silva, 2008: 10), o uso que fazemos das palavras determina seus significados e, as regras que orientam esse uso baseiam-se em convenções e na vivência particular de cada utente, gerando a chamada “inteligibilidade intersubjetiva” que se manifesta na produção de sentidos.

## LEITURA E ORALIDADE

Se levarmos em conta que os textos bíblicos passaram por inúmeros processos de escrita e reescrita, até sua seleção e ascensão ao nível de “livros de inspiração divina“, bem como de compilações e traduções realizadas por escribas e monges, chegaremos à conclusão de que não se pode afirmar com certeza se os textos que temos hodiernamente partiram realmente dos textos originais, ou sofreram alterações ao longo dos séculos.

Qualquer forma de reescrita é uma adaptação que manipula os originais. A manipulação dos textos é outra característica da prática tradutória. O tradutor, ao traduzir os textos de uma língua para outra, é co-responsável pela construção dos sentidos. De acordo com Venu-ti (*apud* Freitas, Web 1, p. 56),

O fato da tradução é apagado através da supressão das diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro, assimilando-o aos valores dominantes na cultura da língua-alvo, tornando-o reconhecível e, dessa forma, aparentemente não traduzido. Com essa domesticação o texto traduzido passa por original, uma expressão da intenção do autor estrangeiro.

De acordo com a Análise de Discurso francesa, o sentido das palavras não existe em si mesmo, porém este é construído pela posição que os interlocutores ocupam no universo discursivo. A memória discursiva tem relação com o interdiscurso – algo que fala antes de nós, dizeres já ditos e esquecidos por nós.

Como pode ser observado pela leitura do livro *Estudo do Apocalipse*, são encontrados vários itens lexicais que conduzem o leitor ao campo semântico da beligerância. São as pistas orientadoras, as âncoras textuais (cf. Simões, 2007), que vão persuadindo o leitor-fiel a promover uma verdadeira batalha espiritual contra o “espírito devorador” (cf. Macedo, 2007)

Outro aspecto a ser observado é o fato de serem utilizadas letras maiúsculas, inclusive em substantivos comuns e pronomes em geral, toda vez que o autor se refere à divindade, o que nos remete à ideia de reverência e respeito devidos à figura de Deus. Ao passo que, ao mencionar a figura do seu antagonista, são empregados itens lexicais escritos em letras minúsculas, apesar de serem constituídos por substantivos próprios, como *diabo*, *demônio* etc. Essa característica pode ser entendida como um efeito estilístico peculiar ao discurso da IURD, levando-nos a pensar na ideia de oposição entre o bem,

caracterizado como autoridade, e o mal, que deve ser rechaçado, reduzido a sua insignificância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar a discussão aqui proposta, gostaríamos de enfatizar a preocupação que temos com um ensino de qualidade, voltado para a melhoria dos processos de aquisição do conhecimento que seja proveitoso para o desenvolvimento intelectual dos alunos, partindo de suas experiências e conhecimentos prévios.

Sobretudo, nosso objetivo é formar leitores críticos e autônomos, que sejam capazes de efetuar sua própria leitura, coerente com o contexto e com as condições de produção dos textos. Deixando de serem manipulados por uma dada ideologia que transforma a prática de leitura em uma mera decodificação dos termos, de forma descontextualizada.

Precisamos também nos preocupar com atualização dos conhecimentos e com as relações entre as diversas disciplinas, que têm como base comunicativa o sistema linguístico. E que isso seja realizado de forma consciente e desprovida de preconceitos, seja no nível sócio-econômico, político ou religioso, na tentativa de nos tornarmos sujeitos pensantes, críticos a autônomos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EHRMAN, Bart D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?* quem mudou a Bíblia e por quê. São Paulo: Prestígio, 2006.

MACEDO, Edir. “Carta à igreja em Tiatira”. **In:** *Estudo do Apocalipse*, volume único. Rio de Janeiro: Unipro, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

———. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2007.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

## LEITURA E ORALIDADE

SILVA, Giovane Rodrigues. Ludwig Wittgenstein – privacidade: o interior e o exterior. **In:** *Revista Mente, Cérebro e Filosofia*. Nº 9, 2008.

SIMÕES, Darcilia. Contribuições semióticas na brincadeira séria de ler. **In:** —. (org.). *Estudos semióticos: papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004.

———. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006.

———. *Iconicidade e verossimilhança*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

WEB 1. FREITAS, Luana Ferreira de. *Visibilidade problemática em Venuti*. [www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/luana.pdf](http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/luana.pdf). Consultado em 26/08/08